

A escrita machadiana e a literatura negra

Rosália Diogo*

Doutoranda em Literaturas de Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas.

Resumo

Este artigo tem como objetivo a reflexão sobre a relação entre literatura e sociedade, tendo-se em vista que é impossível pensar na literatura como um fenômeno isolado. Visa-se também analisar os elementos que permitem considerar o conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, literatura negra. Para estreitar a relação entre a situação da população afro-brasileira na sociedade e a escrita machadiana, pretendemos informar ao leitor que o conto que será analisado foi publicado no ano de 1906, poucos anos após o fim do período da escravidão no Brasil, abolida formalmente no ano de 1888.

Palavras-chave: Sociedade; Literatura negra; Escrita machadiana.

Refletindo sobre a relação entre literatura e sociedade, Antonio Candido afirma que o “externo (no caso o social) importa não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, torna-se, portanto, interno.” (CANDIDO, 1976, p. 4). Na mesma linha de raciocínio, Todorov (2009) aponta que é impossível pensar a literatura “como fenômeno isolado”. Afirma, ainda, que ela “não pode ser separada da política, da religião, da moral. Como tudo na natureza, ela é, ao mesmo tempo, causa e efeito.” (TODOROV, 2009, p. 60).

Coadunando com as ideias de Candido e Todorov, analisaremos o conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis, visando apontar de que maneira ele traz, para a produção literária, elementos que nos permitem considerá-la, do âmbito que alcunhamos, “literatura negra”. Defendemos, junto com Duarte (2007), que na escrita machadiana é possível encontrar o embate literário em relação ao regime escravocrata de negros no Brasil. Percebemos que o conto analisado é fortemente influenciado pelo meio social em que viveu o escritor, e essa influência leva-nos a aproximá-lo do conceito de literatura negra e das suas proposições.

Por essa Lei as crianças filhas de escravas, que nasciam a partir do ano de 1871, não poderiam ser escravizadas.

Além dessas observações, detectamos, na obra de Machado, uma escrita marcada pela crítica e pelas proposições de deslocamento do senso comum em uma sociedade elitista. Pensamos que, já no contexto histórico em que o escritor construiu seu perfil literário ocidental, ele contribui para que possamos refletir sobre a ordem política-social vigente daquele período.

Para fins de estreitar a relação entre a situação da população afro-brasileira na sociedade e a escrita machadiana, cumpre-nos informar ao leitor que o conto que será analisado foi publicado no ano de 1906, poucos anos após o fim do período da escravidão negra no Brasil, abolida, formalmente, no ano de 1888.

Duarte (2007) dedicou-se a uma vasta pesquisa e releitura da obra machadiana, com vistas a compilar e dar visibilidade às manifestações de afrodescendência, evidentes nas obras em que o intelectual faz alusão à escravidão e às relações inter-raciais no Brasil no século XIX. O conto “Pai contra mãe” faz parte desse compêndio organizado por ele.

Na linha de pensamento de Candido (1976), Duarte (2007) apresenta-nos Machado de Assis de duas formas. Inicialmente, o autor informa-nos que ele dirigiu um órgão do governo federal que se ocupava de garantir a aplicação da Lei do Ventre Livre¹. Ele cumpriu com empenho o seu papel de cidadão responsável, seguindo o preceito que libertava os filhos de escravos. No que concerne ao papel de representante das letras, o escritor aponta Machado como um intelectual que apresenta a condição dos afro-brasileiros de modo a desvelar as agruras do regime patriarcal e escravista.

Segundo Duarte, o perfil de Machado, primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, configura-se no universo de um mundo bastante privilegiado pela sua condição de poliglota, conhecedor de Dante, Victor Hugo e tantos outros intelectuais universais. Por isso mesmo, os textos de Machado cotejam com as obras de escritores clássicos como Shakespeare, Sterne, Flaubert, Tolstoi, Gogol. Duarte ainda pontua que

o perfil literário de Machado fez-se tão ocidental que acabaria deixando suas marcas na imagem pública construída ao longo do tempo e até mesmo na aparência física, transformada em efígie emblemática do processo de branqueamento identitário”. (DUARTE, 2007, p. 7).

É exatamente esse perfil machadiano que leva vários críticos a considerarem o escritor alienado em relação aos problemas da sociedade de sua época, sobretudo à condição escrava de afro-brasileiros, que perdurou durante quase toda a sua existência. Entretanto, alguns escritos machadianos remetem-nos ao seu contentamento em relação ao fim do movimento escravocrata no Brasil, como, por exemplo, uma crônica publicada em 1893,

Houve sol, e grande sol, naquele domingo de 1888, em que o Senado votou a lei, que a regente sancionou, e todos saímos à rua. Sim, também eu saí à rua, eu o mais encolhido dos caramujos, também eu entrei no préstito, em carruagem aberta, se me fazem favor,

hóspede de um gordo amigo ausente; todos respiravam felicidade, tudo era delírio. Verdadeiramente, foi o único dia de delírio público que me lembra ter visto.²

Disponível em: <http://www.biblio.com.br>

A necessidade de relatar publicamente a catarse vivida pela população, naquele momento, incluindo ele mesmo, mostra-nos o seu comprometimento com o embate travado em relação ao momento histórico que antecedeu a libertação de negros escravos.

É por esse e outros textos que consideramos ser pertinente aproximar a literatura machadiana do que vem sendo chamado de literatura negra. Alguns pesquisadores instigam-nos a tentar aprofundar o interesse sobre a temática da literatura e das relações raciais. Bernd (1987), por exemplo, sinaliza ser função da literatura contribuir para a libertação do povo. A pesquisadora diz que essa libertação não é somente política, mas, também, mental, contribuindo para um processo libertário.

Interessa-nos aprofundarmos os estudos atuais que possam nos levar à compreensão sobre o conceito de literatura negra ou afro-brasileira. Conforme Fonseca (2006), as expressões literatura negra, literatura afro-brasileira, apesar de amplamente utilizadas na academia, não têm dado conta de responder à dimensão das iniciativas relacionadas a diversas áreas do conhecimento como a educação, a literatura e a crítica.

Fonseca (2006) informa-nos, também, que a literatura negra, presente em publicações literárias de vários países, está associada a debates circunscritos a movimentos que surgiram nos Estados Unidos e no Caribe. A partir desses debates, foi espalhando-se, por outros continentes, uma modalidade de literatura que se implica com as questões relativas à identidade e às culturas dos povos africanos e afrodescendentes.

Não obstante, ainda segundo Fonseca (2006), mesmo entre os escritores que se autodeclararam negros, alguns resistem ao uso das expressões literatura negra ou literatura afro-brasileira. Os que se posicionam contra essas expressões particularizadoras acham que elas rotulam e aprisionam suas produções literárias. Por outro lado, os que defendem a utilização das expressões entendem que, pelo uso delas, é possível destacar sentidos ocultos pela generalização do termo literatura. Sentidos esses que dizem respeito aos valores de um segmento social que luta contra a exclusão imposta pela sociedade.

Ao assumir também o lugar de crítica literária, Evaristo (2009) aponta que:

a literatura não pode ser considerada como um fiel retrato da sociedade em que é produzida, não se pode afirmar, entretanto, que o discurso literário nasce e circula imune e impune ao meio em que foi criado. No ato criativo de “imitação da vida”, movimento de discordância e/ou de concordância com a existência que lhe é consentida, ou com aquela que a sua percepção lhe permite alcançar, o sujeito autoral acaba por colocar no texto sinais reveladores da constituição de uma sociedade em determinado momento histórico. (EVARISTO, 2009, p. 19).

A escritora afirma, ainda, que uma das funções da literatura, na forma de poder de articulação e de imposição de certo discurso, é desvelar as representações literárias, não somente das e para as classes hegemônicas, bem como exercer o poder de representar o outro. Ela conclui que uma maneira ingênua, ou pouco crítica, de enxergar a produção literária pode ser a causa de não se perceber que determinadas representações literárias funcionam como mecanismo de exclusão de certos indivíduos ou grupos. Dessa forma, Evaristo (2009) acentua as últimas décadas do século XX como período em que se ampliam as escritas sobre o negro e/ou do negro.

Um trabalho que contribui para a elucidação do conceito de literatura negra é o de Fonseca e Lanna (2002), em que as autoras, na introdução, apontam que a literatura tem se mostrado um lugar de suma importância para denúncia e resistência dos negros, na esteira do “Renascimento negro”, nos Estados Unidos, momento em que se destacam os nomes de Du Bois e Langston Hughes, ou do conceito de Negritude,³ protagonizado por Aimé Césaire, da Martinica, Leon Damas, das Guianas e Léopold Sédar Senghor, do Senegal, a partir dos anos 1930.

Bernd (1992) apresenta a expressão literatura negra ao lado de outros conceitos e visões de variados escritores, registrando poemas abolicionistas do poeta Luiz Gama; no que se refere ao período pós-abolição, a pesquisadora cita o trabalho de Cruz de Souza. Para destacar os poemas da fase contemporânea, menciona Solano Trindade, Eduardo Oliveira, Oswaldo de Camargo, Proença Filho, Cuti, Miriam Alves, Oliveira Silveira, Antônio Vieira, Paulo Colina e Abdias do Nascimento.

Para essa autora, o traço mais forte do que nomeou-se literatura negra é a questão identitária, com vistas à construção de uma autorrepresentação positiva para os valores afro-brasileiros. Em análise à antologia aqui mencionada, elaborada por Bernd, Fonseca situa-nos:

ainda que a expressão “literatura negra” figure em grande parte dos estudos sobre a produção de escritores negros ou antologias que coletam a produção de escritores negros, muitas questões ainda não foram resolvidas no tocante aos significados dessa expressão. Substituí-la por expressões como “literatura afro-brasileira” ou “literatura afro-descendente” também não soluciona a polêmica, embora possa apresentar novos argumentos. (FONSECA, 2006, p. 20 – grifos do autor).

Esse pensamento está bem próximo do que é apresentado por outros estudiosos dessa temática, como, por exemplo, Duarte (2009)⁴. Ele aponta que a presença da literatura afro-brasileira implica redirecionamentos recepcionais e suplementos de sentido à história literária canônica. O pesquisador afirma que os textos relativos à chamada literatura negra são marcados, principalmente, pelo protesto contra o racismo, tanto na prosa como na poesia. Nessa perspectiva, destaca a publicação dos **Cadernos negros**⁵ como um periódico que contribuiu sobremaneira para a consolidação de um conceito de literatura negra empenhada. É o caso do poeta Edmilson de Almeida

Movimento literário afro-franco-caribenho, baseado na concepção de que há um vínculo cultural compartilhado por africanos negros e descendentes, onde quer que eles estejam no mundo. Os proponentes iniciais apontavam como algumas questões fundamentais a reivindicação, por parte do negro, da cultura africana tradicional, visando à afirmação e definição da própria identidade, o combate ao eurocentrismo advindo do colonialismo europeu e da educação ocidental que prevalecia sobre as demais culturas. (DEPESTRE, 1980).

É possível buscar mais informações no site: <http://www.lettras.ufmg.br/literafro>

Cadernos negros é uma publicação de escritores afrodescendentes, que vem a público, anualmente, desde 1978. (FONSECA, 2009).

Pereira, dos ficcionistas Muniz Sodré, Nei Lopes e Joel Rufino dos Santos e, no caso da literatura infanto-juvenil, de Júlio Emílio Braz e Heloisa Pires.

É ainda esse autor que, ao referir-se a Machado de Assis, e em especial ao conto “Pai contra mãe”, afirma que esta foi uma maneira contundente que Machado encontrou para explicitar os conflitos relacionados à temática da escravidão negra no Brasil. Pensamos que esse conto, assim como sinaliza Bernd (1992), contribui, sim, para reflexões sobre a libertação mental de uma população que, considerando o período da produção literária em questão, havia se deslocado da condição de escravizado para a necessidade de reconstruir a vida de maneira igualitária na sociedade.

Fonseca e Lanna (2002) analisam que, na obra dos escritores por elas pesquisados, com frequência, as imagens de África e de africanidades perpassam os versos dos poemas e inserem-se nas marcas de um ideal a conquistar-se. É caro, ainda, saber que a “palavra transgressora” permeou os versos de antologias estrangeiras e brasileiras que acolhem os modos como os negros se veem em um mundo marcado pela oposição vencedor/vencido, operário/senhor patrão.

Ainda nesse material, as organizadoras apresentam o trabalho escrito por Luiz Silva (Cuti), que utiliza a argumentação de que o interlocutor negro do texto emitido pelo “eu” negro, ao se referir aos escritos de um sujeito negro, que não renegue sua experiência subjetivo-racial, eleja o negro como seu interlocutor. Interessa-nos, sobremaneira, a ideia desenvolvida pelo escritor, de que o branco constituiu uma privação do pensar negro, por meio de várias formas de censura e mesmo de autocensura. No entanto, chegou o momento de se partir para a transcendência do factual, em direção ao chamado “universal”.

Consideramos ser essa a posição ideológica/social assumida na escrita do conto “Pai contra mãe”, ao colocar o negro escravizado como vítima de um sistema injusto, que o violenta no seu direito de cidadania plena. A escravidão é exposta de maneira visceral, em suas diversas manifestações.

Consideramos que, embora Machado de Assis não tenha se autodeclarado negro, não é sabido, publicamente, que tal atitude tenha ocorrido; sua literatura tem as marcas desse envolvimento/compromisso. No conto “Pai contra mãe”, por exemplo, a crítica ao sistema escravocrata torna-se evidente.

Interessa-nos, a partir dessa reflexão, destacar, no conto “Pai contra mãe”, o trecho em que o escritor mostra de maneira contundente a resistência da escrava, no momento em que o caçador de escravos arrasta-a pela Rua da Alfândega, próximo ao momento de devolução da mesma ao seu dono:

Houve aqui luta, porque a escrava, gemendo, arrastava-se a si e ao filho. Quem passava ou estava à porta de uma loja, compreendia o que era e naturalmente não acudia. Arminda ia alegando que o senhor era muito mau, e provavelmente a castigaria com açoites, – coisa que, no estado em que ela estava, seria pior de sentir. Com certeza ele lhe mandaria dar açoites. (ASSIS, 2001, p. 70)⁶.

Todas as citações de “Pai contra mãe”, neste trabalho, foram extraídas da obra **Contos escolhidos**, publicada pela Editora Martin Claret, em 2001, e, doravante, serão assinaladas apenas pelo seu número de página.

Os verbos gemer, arrastar, castigar e açoitar, escolhidos pelo escritor para narrar esse episódio, são estratégicos, na medida em que possibilita, ao leitor, perceber o grau de violência manifestada na ação de captura de uma escrava fugida.

É possível apurar a impiedade de Candinho em relação ao apelo de Arminda, ao não considerar o seu argumento de que o filho que ela espera seria possivelmente sacrificado diante do castigo iminente que lhe seria aplicado pela fuga. A resposta de Candinho, acusando-a de engravidar-se e em seguida fugir, é de uma ironia perfeita. “Você é quem tem culpa. Quem lhe manda fazer filhos e fugir depois” (p. 64). A busca de liberdade foi considerada uma ousadia da escrava, ainda que sua tentativa de liberdade traduzisse a liberdade de seu filho também. Nesse sentido, a culpa não era do patrão e nem do caçador, e, sim, dela.

Acreditando no posicionamento ideológico de Machado de Assis em encenar literariamente, de forma crítica, o regime escravocrata no Brasil, apresentaremos, em seguida, a perspectiva da rua relacionada à sociedade no conto “Pai contra mãe” em interface com os estudos de Habermas (2003) sobre espaço público. Esse filósofo aponta o surgimento do espaço público, em um momento em que a troca de mercadorias faz-se acompanhar pela troca de informações; sendo, assim, esse espaço constituído de homens letrados do período histórico em questão, em sua maioria, burgueses.

Ao problematizar o conceito de esfera pública, o filósofo afirma que esta é do âmbito da vida social, em que interesses, vontades e pretensões, que direcionam consequências relativas a uma coletividade, apresentam-se, discursiva e argumentativamente, de forma aberta. O conceito de esfera pública insere-se, portanto, no contexto da vida social em que se permitem debates entre pessoas privadas reunidas em um público. Para ele, o intuito desses debates é a condução razoável e racional de desejos e objetivos de cidadãos em torno de opiniões e convicções que possam, eventualmente, serem consensuadas ou contra-argumentadas.

Depreende-se dessas leituras a confirmação de que a rua, no período da escrita machadiana, de fato não era para uma relação inclusiva de pessoas que não fossem abastadas ou políticos, não se construindo, então, em espaço público. Não obstante, o escritor assume a posição ideológica de questionar esse modelo de exclusão, ao expor as situações em que os personagens encontram-se no espaço da rua. Essa posição é um elemento a mais para reiterarmos a perspectiva machadiana de oposição à condição de subalternidade de negros em sua função de escravos, ao explicitar, de maneira irônica, a forma pela qual esse segmento populacional poderia ou deveria estar nas ruas. Por isso mesmo, atribuímos o caráter de literatura negra a algumas obras de Assis e, em especial, ao conto em análise.

No conto “Pai contra mãe”, a palavra rua é mencionada quinze vezes. É importante assinalar que, em todas as vezes, a situação de estar nas ruas, para os personagens, é o sentido de opressão, de aflição e desconforto:

O credor entrou e recusou sentar-se, deitou os olhos à mobília para

ver se daria algo à penhora; achou que pouco. Vinha receber os alugueis vencidos, não podia esperar mais; se dentro de cinco dias não fosse pago, pô-lo-ia na rua. Não havia trabalhado para regalo dos outros. Ao vê-lo, ninguém diria que era proprietário; mas a palavra supria o que faltava ao gesto, e o pobre Cândido Neves preferiu calar a retorquir. Fez uma inclinação de promessa e súplica ao mesmo tempo. O dono da casa não cedeu mais. (p. 67).

Em outros momentos, o escritor reitera esse sentido, como no momento em que Cândido Neves arrastou a escrava Arminda pela Rua dos Ourives, em direção à Rua da Alfândega, para “negociar” a venda dela com o seu patrão. Em outra ocasião, Candinho necessita de auxílio para cuidar do seu filho enquanto caçava a escrava, para tanto, saiu da Rua da Alfândega para a Rua da Ajuda. É, de fato, uma forte ironia a narrativa que apresenta o caçador de escravos necessitando de “ajuda” para buscar uma forma de dar sustento ao seu filho na Rua da Ajuda. Em busca desse sustento, Candinho sacrificou a vida do filho da escrava grávida, que não suportou os maus tratos relacionados ao momento de sua captura e abortou. O que se lê são o sofrimento e a opressão de caçador, ainda que a serviço dos dominantes, e de caçada, digladiando-se pelas ruas, mantendo o *status quo* da elite.

Consideramos que o conto em análise permite-nos entender que Machado transita pelo contexto histórico-social, referindo-se a lugares, usos, manifestações de atitudes de grupos, de classe. Afinal, “a literatura, como fenômeno de civilização, depende, para constituir e caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais”. (CANDIDO, 1976, p. 12). É Candido ainda que nos permite uma releitura da obra machadiana:

O público dá sentido e realidade à obra, e sem ele o autor não se realiza, pois ele é de certo modo o espelho que reflete a sua imagem enquanto criador. Os artistas incompreendidos, ou desconhecidos em seu tempo, passam realmente a viver quando a posteridade define afinal o seu valor. Deste modo, o público é fator de ligação entre o autor e a sua própria obra. (CANDIDO, 1976, p. 38).

Acreditamos que seja possível, ao leitor de hoje, ler no conto “Pai contra mãe” a miséria humana por meio dos dramas paralelos de um pai que luta contra uma mãe, escrava e fugida, que eventualmente vaga pelas ruas da cidade em busca de melhor sorte.

O que conta nos textos de Machado é o que não foi dito nem visto com os olhos de fora; e o que fica fora das linhas permanece latente nos nervos do texto, onde os olhos de dentro reclamam.

Como podemos perceber, Machado não era alienado, mas um homem ciente e observador da sociedade em que viveu, e retratou-a com uma sutileza como dificilmente alguém pudesse retratar.

Seria impossível, como apontam Candido e Todorov, analisarmos a obra de Assis sem reportar-nos ao ano de 1906, ano em que o conto foi publicado. Historicamente, oito anos após a abolição da escravatura. Para tal afirmação, vale ressaltar o filme “Quanto vale ou é por

Quilo”, do cineasta Sérgio Bianchi (2005), que se utilizou do conto de Machado, mas com uma leitura atual, fazendo uma adaptação livre, em que faz uma analogia entre o antigo comércio de escravos e a atual exploração da miséria pelo *marketing* social, que forma uma solidariedade de fachada. Consideramos que o cineasta alinha-se com as nossas reflexões, no sentido de que o meio social sofre influência da e influencia a obra de arte. Compartilha, ainda, a compreensão de que o conto analisado permite-nos compreender os meandros relacionados à relação de subalternidade e opressão da elite em relação a determinados segmentos sociais, ontem e hoje.

Desde o início, o cineasta remete ao universo da escravidão, com fortes cenas protagonizadas pela atriz Zezé Motta, narradas pelo também ator Milton Gonçalves, ambos afro-brasileiros, que, publicamente, têm manifestado os seus incômodos com o tratamento dispensado à população afro-brasileira em todos os segmentos da vida social, sobretudo à representação social na mídia.

O enredo cinematográfico traça uma analogia entre o regime escravocrata e a perversa condição estrutural e social, que faz com que a população negra no país seja o segmento populacional mais explorado pela elite. Cumpre, ainda, a função social de nos atualizar sobre as novas formas de escravidão, bem como de perceber a nefasta e incongruente distribuição de renda na sociedade nacional.

Por meio do duelo entre um pai miserável e uma mãe escravizada e fugitiva, Machado mostra-nos a miséria humana, apresentada através dos dramas paralelos de um pai contra uma mãe, lutando por duas vidas. O pai tenta redimir-se, justificando a troca de uma vida pela outra. Surge, assim, uma escrita crítica acerca do regime escravocrata no Brasil, por parte de um escritor considerado mulato, acusado de omissivo ou alienado em relação ao regime de escravidão que perdurou durante a sua existência.

Nessa perspectiva, acreditamos que o conto de Machado, bem como várias outras obras desse escritor, possibilita uma leitura crítica acerca do embate sócio-histórico que marcou, por vários séculos, a relação de subalternidade de descendentes de africanos no Brasil. Assim, trazendo o escravo para a rua e expondo sua condição, o conto se faz espaço público no sentido a ele conferido por Habermas (1990), pois permite debates sobre a temática em tempos e espaços diversos.

Abstract

This article aims to analyze the relation between literature and society, presenting that it is impossible to understand literature as an isolated phenomenon. We also considered elements that illustrate Machado de Assis's short story "Pai contra mãe" as Afro-Brazilian literature. To narrow the relation between the Afro-Brazilian society's situation and Machado de Assis literary work, we intend to inform the reader that the analyzed short story was published in 1906, some years after the end of slavery in Brazil, abolished, formally, in 1888.

Keywords: Society; Afro-Brazilian literature; Literare work of Machado de Assis.

REFERÊNCIAS

- ASSIS, Machado de. Pai contra mãe. In: ASSIS, Machado de. **Contos escolhidos**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- BERND, Zilá (Org.) **Poesia negra brasileira**. Porto Alegre: AGE; IEEL; IGEL, 1992.
- BERND, Zilá. **Introdução à literatura negra**. São Paulo: Brasiliense, s/d.
- BERND, Zilá. **Negritude e literatura na América Latina**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.
- CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- DEPESTRE, René. **Bom dia e adeus à Negritude**. Tradução de Maria Nazareth Soares Fonseca Ivan Cupertino. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/depestre/depestre.pdf>. Acesso em 20 ago. 2010.
- DUARTE, Eduardo de Assis. **Machado de Assis afro-descendente - escritos de caramujo**. (Antologia). Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Pallas/Crisálida, 2007.
- DUARTE, Eduardo de Assis. Na cartografia do romance afro-brasileiro, **Um defeito de cor**, de Ana Maria Gonçalves. In: TORNQUIST, Carmem Susana *et al* (Org.) **Leituras de resistência: corpo, violência e poder**. Florianópolis: Mulheres, 2009. p. 325-348.
- DUARTE. Eduardo de Assis. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. In: **Portal Literafro**. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/litefafro>> Acesso em 01 mai. 2010.
- EVARISTO, Conceição. Questão de pele para além da pele. In.: RUFFATO, Luiz (Org.) **Questão de pele**. Contos sobre preconceito racial. Rio de Janeiro: Língua Geral, p. 19-37, 2009.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica? In: SOUZA, Florentina, LIMA, Maria Nazareth (Org.) **Literatura afro-brasileira**. Universidade Federal da Bahia. Centro de Estudos Afro-Orientais: Fundação Cultural Palmares, p. 9-38, 2006.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.) **Brasil afro-brasileiro**. Belo Horizonte: Mazza/ Editora PUC Minas, 2002.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Embates na cena literária: a arte de resistir à exclusão. In: TORNQUIST, Carmem Susana *et al* (Org.) **Leituras de resistência: corpo, violência e poder**. Florianópolis: Mulheres, 2009. p. 293-313.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. Vozes em discordância na literatura afro-brasileira contemporânea. In: FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Poéticas afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Mazza/Editora PUC Minas, 2002.
- HABERMAS, Jürgen. **Para a reconstrução do materialismo histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1990.